



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 10

OUTUBRO 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Outubro de 1982

Nº 10

SUMÁRIO

	Página
REVELAÇÕES DOS ARQUIVOS HISTÓRICOS	278
BELA VISTA COUNTRY CLUB	279
A PROPÓSITO DE MUSEU	283
PRESENÇA DE BLUMENAU NA "SEMANA DE KIEL"	284
FIGURAS DO PASSADO	286
VOCÊ SABIA?	287
AEMA RECEBEU PROJETOS	288
HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BLUMENAU	289
AUTORES CATARINENSES	295
OS GOVERNOS DE SANTA CATARINA	297
ACONTECEU - Setembro de 1982	301
PRIMÓRDIOS DA MAÇONARIA EM BLUMENAU	303

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425,- Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

Revelações dos Arquivos Históricos

Atos da primitiva Câmara Municipal da Vila de Blumenau no século passado.

“Paço da Câmara Municipal de Blumenau, 28 de maio de 1884.

Ilmo. e Exmo Snr.

Esta Câmara, remetendo a V^a Excia. as inclusas cópias dos officios trocados entre a mesma e o Dm^o Juiz Municipal deste termo, assim como da parte oficial do Fiscal desta Corporação em relação às injúrias que à mesma corporação, em razão do seu officio, dirigiu Jens Jensen, solicita à V^a Excia. se digne ordenar ao Dm^o Juiz Municipal deste termo, para que mande que o Promotor Público da Comarca ofereça a competente denúncia, visto entender esta Câmara, em vista de muitos precedentes, não caber a ela queixar-se no caso em questão e sim denúncia por parte da Promotoria Pública. Deus Guarde V^a Excia. Ilmo. e Exmo. Snr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O presidente da Câmara: José Henrique Flores Filho — membros : Louis Sachtleben, Jacob Luiz Zimmermann e Henrique Altenburg”.

—0—

“Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, em 13 de maio de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — Tendo esta Câmara oficiado a V^a Excia em data de 29 de fevereiro do corrente ano, remetendo uma parte oficial do Final da mesma em que comunicava haver Jens Jensen irrogado a esta Corporação várias injúrias; pedia esta Câmara a V^a Excia. se dignasse mandar proceder como fosse de direito contra o dito Jensen, e como V^a Excia. até hoje não tinha dado solução alguma ao aludido officio, vem a mesma rogar a V^a Excia. se digne com urgência resolver sobre esse assunto. Deus Guarde V^a Excia. Ilmo. Snr. Dr. Francisco Martins Fontes, Dm^o Juiz Municipal deste Termo. O Presidente Flores Filho - membros: Otto Stutzer, Watson, José Joaquim Gomes, Jacob Luiz Zimmermann e Louis Sachtleben. Está conforme o original arquivado nesta Câmara. O Secretário: Guido von Seckendorff”.

—0—

“Ilmo. Snr. Presidente da Câmara Municipal da Vila de Blumenau. Ilustríssimo Senhor: Cumpre-me levar ao conhecimento de V^a Senhoria para que se digne tomar as providências que o caso requer, que no dia dezesseis do corrente, às treze horas da tarde, mais ou menos, na casa de Júlio Baumgarten, Jens Jensen, morador na Itoupava, injuriou em palavras a toda a Câmara Municipal e dirigiu-me ameaças se eu fosse outra vez para o interior a cumprir os deveres de meu cargo, entre as graves injúrias disse que essa Câmara praticava ladroenras, do que foram testemunhas: Hermann Baumgarten, Júlio Baumgarten, Emilio Lesenberg e Carlos Benthien. Levando o ocorrido ao conheci-

mento de Vossa Senhoria, julgo cumprir o meu dever. Blumenau, 18 de fevereiro de 1884. Deus Guarde Vossa Senhoria. Ilmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Blumenau. — O Fiscal da mesma Câmara: Otto Wehmuth. — Está conforme o original, arquivo nesta Câmara, ao qual me reporto. — O Secretário: Guido von Seckendorff”.

—0—

Juizo Municipal do Termo de Blumenau, em 14 de maio de 1884. — Ilmo. Snr. — Acuso recebido o officio datado de ontem, e em resposta abstendo-se de advertências, pondero que em vista dos Artigos 3º parágrafos 79 e 74 e parágrafos do Código de Processo Criminal, Lei nr. 1090, de 1º de setembro de 1860. Artigo 312 do Código Criminal e Decr. de 7 de julho de 1883, não cabe o procedimento official da justiça no crime de injúrias de que fala a cópia, que devolvo, de modo que cumpre à corporação usar dos meios legais como parte interessada. Deus Guarde Vª Senhoria. — Ilmo. Snr. Presidente e mais vereadores da illustrissima Câmara Municipal desta Vila. O Juiz Municipal: Francisco Martins Fontes. — Está conforme o original arquivado nesta Câmara, o qual me reporto. — O secretario: Guido von Seckendorff”.

Bela Vista Country Club, a realidade da inspiração de poucos, há 20 anos, hoje beneficiando a muitos

José Gonçalves

O dia seis de setembro último, marcou exatamente vinte anos daquele outro dia seis de setembro de 1962, quando foi lavrado o Ato Constitutivo da sociedade que passou a denominar-se BELA VISTA COUNTRY CLUB.

Todavia, para que a história seja completa, é preciso regressar àquele dia 6 de setembro de 1962, um ou dois anos antes, quando encontramos, no antigo estabelecimento comercial então conhecido por “Churrascaria Palmital”, um pequeno grupo de amigos que lá se reuniam quase diariamente para a conversa costumeira, um aperitivo e, enfim, a confraternização entre amigos.

Quando não mais houvessem reunidos, ali eram, via de regra, encontrados os srs. Augustinho Scharam, Flávio Rosa, Heinz Hartmann e Helmuth Czifus.

Desses encontros diários, começam a nascer a idéia de se fundar uma sociedade em forma de clube de campo, que possibilitasse às famílias da classe média, oportunidade de conviverem em ambiente sadio, mais identificados com a própria natureza, um clube, enfim, em cu-

jas terras fosse possível criar bosques com árvores ornamentais, frutíferas e, junto a elas, lugar para que todos convivessem com a natureza e entre si, num entrelaçamento de amizade mais humana e fraterna.

O ideal daqueles quatro cidadãos foi sendo alimentado com novas conjecturas, procura de terreno apropriado, projetos ou ante-projetos de como seria o clube e suas dependências iniciais.

Depois de passados mais de um ano do nascimento da idéia entre os quatro amigos, foram eles espalhando-a a outros amigos de convivência diária, até que chegou-se ao ano de 1962, ou melhor, ao dia 6 de setembro, quando então o grupo que seria o fundador, havia aumentado em torno da idéia inicial. Era a semente germinando em terreno fértil. Era o Bela Vista Country Club, que começava a nascer e tomar forma.

Naquele dia 6 de setembro, Augustinho Scharam, Flávio Rosa, Heinz Hartmann e Helmuth Czifus viram tornar-se realidade a idéia nascida há tempos atrás e que pela qual tanto se esforçaram para que a ela aderissem outros amigos.

Os que participaram da reunião que lavrou o Ato Constitutivo do Bela Vista, foram declarados sócios fundadores. Como a história deve ser marcada por fatos e atos para que no futuro longínquo alguém possa pesquisar com segurança em torno dos aspectos sociais de Blumenau, achamos muito justo e oportuno traduzirmos, a seguir, numa homenagem não só aos quatro idealizadores como aos fundadores do Bela Vista, os termos do citado Ato Constitutivo, assim redigidos:

“Ato Constitutivo da Sociedade. — Aos seis dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e dois, reuniram-se as pessoas que assinaram o respectivo “Livro de Presenças” para discutirem sobre a fundação de um Clube Social e Recreativo. A reunião teve lugar numa das salas de reuniões da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, nesta cidade de Blumenau. Abrindo os trabalhos, o sr. Flávio Rosa, indicado para presidir a reunião, disse das finalidades e objetivo da reunião. Adiantou que a idéia era a de fundar um clube nos moldes dos conhecidos Country Clubs. Que o Clube visaria congregar cidadãos de bons princípios, formando um quadro social seletivo, por cotas que seriam adquiridas pelos sócios proprietários: que o Clube deveria adquirir área de terra bem localizada e suficientemente grande para comportar a construção da sede e outras dependências necessárias à prática de esportes como tênis, bola ao cesto, vôlei, natação, ginástica, futebol de salão, golfe e outros. Após prolongados estudos e pareceres, ficou estabelecido também, que a denominação do Clube seria: BELA VISTA COUNTRY CLUBE, o qual terá sua sede e foro na cidade de Blumenau, Santa Catarina; que a sua duração seria por tempo indeterminado e que seu Fundo Social seria representado por 500 (quinhentos) Títulos de Propriedade dº valor nominal de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) cada um e que ficariam fazendo parte integral do fundo social do Clube, as novas emissões de Títulos de Propriedade que fossem autorizadas pela Assembléia Geral dos sócios

proprietários. Ficou estabelecido, também, que a sociedade seria administrada por uma Diretoria, cujo Presidente representava a sociedade em Juízo ou fora dele, ativa e passivamente, e que os Estatutos Sociais poderiam ser modificados após agosto de mil novecentos e sessenta e três. Ficou estabelecido ainda que os sócios proprietários não responderiam pelas obrigações sociais e que, se extinta fosse a sociedade, seu patrimônio seria rateado entre os sócios proprietários. Considerou-se, ainda, os presentes a esta reunião, fundadores do Clube, cujos nomes seguem: Luiz Metzger, brasileiro, casado, comerciante; Helmuth Giehfuß, alemão, casado, comerciante; José Gonçalves, brasileiro, casado, radialista; Nilton Kiesel, brasileiro, casado, securitário; José Luiz R. de Carvalho, brasileiro, solteiro, funcionário público; Norberto Engel, brasileiro, casado, comerciante; Flávio Rosa, brasileiro, casado, comerciante; João Waldir Klitzke, brasileiro, casado, contador, Heinz Hartmann, brasileiro, casado, comerciante; Augustinho Schramm, brasileiro, casado, comerciante, Roland Schmidt, brasileiro, casado, securitário e Nicolau Eloy dos Santos, brasileiro, casado, comerciante. Isto posto, o sr. Presidente solicitou aos presentes que elessem uma Diretoria Provisória, a qual dirigiria os destinos da sociedade até o dia trinta e um de outubro de mil novecentos e sessenta e dois, data que foi determinada para a realização da Assembléia Geral de Constituição do Bela Vista Country Clube. Foram eleitos, por aclamação, os srs. Augustinho Schramm, presidente; Luiz Metzger e Heinz Hartmann, vice-presidentes e João Klitzke, Secretário. Após essas deliberações o sr. Presidente pôs a palavra à disposição dos presentes. Como ninguém quisesse se pronunciar, o sr. Presidente convidou os presentes para a Assembléia Geral de Constituição do Bela Vista Country Clube a ser realizada no dia trinta e um de outubro próximo, a qual aprovaria, após discutir, os Estatutos Sociais do Clube. Agradeceu, ainda, o comparecimento de todos e determinou que eu, como secretário da reunião, lavrasse esta Ata que após lida e achada conforme, vai assinada pelo presidente e por mim, João Klitzke, secretário. — Blumenau, 6 de setembro de 1962. — Assinado: Flávio Rosa — Waldir Klitzke”.

A Fundação do Clube

No dia 24 de outubro do mesmo ano, realizou-se a Assembléia Geral Ordinária que oficializou a fundação do Bela Vista Country Clube, oportunidade em que os estatutos foram aprovados. A Assembléia foi presidida por Flávio Rosa, escolhido pelas 25 pessoas presentes, tendo o mesmo indicado para secretariar os trabalhos os srs. Hans G. Sander, como relator, José Gonçalves e Têlvio Maestrini como redatores da ata.

A primeira Diretoria

Ao final da Assembléia Ordinária do dia 24 de outubro, foi eleita a primeira Diretoria efetiva do Bela Vista. Foi escolhido para presidente o sr. Heinz Hartmann; para vice, os srs. Nilton Kiesel e Luiz Metzger. O Conselho Fiscal ficou assim constituído: Efetivos: Roberto Baier, Eitel Meyer e Wilmar Luz. Suplentes: Jean Rabe,

Wolfgang Kegel e Enio Pereira. A Comissão de Sindicância foi formada por: Flávio Rosa, Augustinho Schramm e Stanislaw Stolarek. O primeiro Conselho Deliberativo contou com os seguintes membros: Eng^o Wladislaw Rodacki, Percy Freitag, Walter Klaeser, Ralf Grahl, Egon Lauterjung, Guilherme Poerner, Têlvio Maestrini, Normando B. Falce, José Gonçalves, José Ziebarth e Helmuth Ziehfuss. Este reunido, logo após a Assembléia, elegeu o Eng^o Wladislaw Rodacki seu primeiro presidente. A primeira reunião da primeira Diretoria eleita, realizou-se no dia oito de novembro de 1962. Até então, os srs. Luiz Metzger, Augustinho Schramm, Flávio Rosa e Helmuth Ziehfuss, percorriam diversos lugares a procura do terreno apropriado para ser adquirido. Mas, no dia 22 de Novembro, por ocasião da reunião, a terceira, da Diretoria, por recomendação daquela comissão, foi aprovada a compra do terreno onde hoje aí está o Clube, providenciando-se a respectiva escritura de propriedade.

Sabe-se que não foi fácil a vida do clube nos primeiros anos. As dificuldades financeiras oriundas do pequeno número de pessoas que aderiram à compra dos títulos e os compromissos assumidos com a compra do terreno, impediram que a primeira diretoria executasse o seu programa de desenvolvimento. Assim mesmo muito foi feito. Até troca de visitas frequentes com diretores e associados do Santa Mônica Clube de Campo, de Curitiba, foi feito, para que o Bela Vista pudesse, através da experiência já adquirida por aquele clube paranaense, colher subsídios para as suas próprias realizações.

Mas o ímpeto inicial que criou o Bela Vista, não esmoreceu. Tanto seus primeiros quatro idealizadores, como os fundadores e os demais que se aliaram na primeira Assembléia Geral Ordinária, mantiveram-se firmes em seu trabalho de aliciamento de novos sócios. Aos poucos, o clube começou a ser olhado com admiração, respeito e por fim entusiasmo. E então deslançou definitivamente, surgindo, numa seqüência de extraordinária rapidez, o bosque com a trilha batizada "Heinestrass", o mini-golf, a sede, a piscina, as quadras polivalentes, as canchas de tênis, o futebol suíço, as saunas e toda a beleza natural e florida imposta aos terrenos baldios, hoje embelezados com o colorido de folhas e flores que ornamentam toda a paisagem.

Muitos foram os que deram os melhores dias de sua existência, nestes vinte anos, em favor do clube. Destacar nomes aqui, dos que passaram pelas diretorias, até hoje, é cometer injúrias no lapso de alguns. Por isso, o melhor será dizer que se hoje o Bela Vista existe como é, deve-se ao esforço conjugado de pessoas que sempre acreditaram e acreditam na realidade de tudo o que tem por objetivo proporcionar à coletividade coisas boas, ambientes em que a amizade fraterna possa proliferar entre as famílias representadas desde as crianças da mais tenra idade até os mais idosos. Este complexo de figuras humanas formado pela infância até a maioridade, chama-se hoje, pois, BELA VISTA COUNTRY CLUBE que, na sua maioridade, festeja seus vinte anos de fundação! Parabéns à numerosa família do BVCC!

A propósito de museu

Celso Liberato

Afim de visita, eu, minha esposa Mathilde Bauer Liberato e sobrinhos Mário e Maria Liberato, estivemos no Museu Histórico da Fundação Genésio Miranda Lins, de Itajaí, onde fomos gentilmente recebidos pelo Prof. Edison D'Avila e auxiliares do Museu.

Instalado na antiga sede da Prefeitura Municipal. — hoje com sobradas razões — “Palácio Marcos Konder”, veio o Museu em boa hora preencher um claro de há muito aberto no processo de aprimoramento cultural-sentimental de Itajaí.

Logo à entrada, em grande retrato emoldurado, meu avô José Pereira Liberato organizador da antiga administração municipal de Itajaí de feições que lembram Abraão Lincoln, parece aguardar os visitantes.

Depois, em altos painés, as imagens fotográficas de outros grandes vultos do passado itajaiense, servidores devotados da “Pequena Pátria”, muitos deles meus amigos e até parentes.

E em mostruários envernizados, ricas coleções de peças e objetos antigos, em que brilham jóias, armas, leques, comendas e medalhas, evocadoras do tempo de antigamente, prendem a atenção dos visitantes e turistas.

Além disso, entesouram muitas outras preciosidades e raridades. São livros, papéis, velhas escrituras, que documentam a história de Itajaí através do tempo.

Em suma, uma casa a reviver imagens e vozes do passado, onde os visitantes têm muito que ver, ler e meditar. E os pesquisadores muito que pesquisar.

Fica-se, ali, em dia com o passado, desde os longos tempos do nascente povoado do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

Mas não é só no plano estritamente expositivo que o Museu está a merecer especial menção, mas, paralelamente, na sua organização e bom gosto das instalações e mobiliário.

E ainda no trabalho do Presidente da Fundação Genésio Miranda Lins, João Amaral Pereira e do Prof. e Historiador Edison D'Avila, dois idealistas que não brincam em serviço na hora de arrecadar e preservar nossos valores tradicionais.

Sem esquecimento, é óbvio, do diligente corpo de auxiliares do Museu que não deixa faltar aos visitantes um gostoso cotezinho à moda da casa.

Detentor, o Museu, de tão precioso acervo, não é nada de admirar que não raro o visitante, ao sair, já se sinta picado pela mosca azul. da volta:

Para ver tudo que não viu.

E ver de novo tudo que já viu.

E no remate, a gentil oferta da “Pequena história de Itajaí” de autoria do Prof. D'Avila, com expressivas dedicatórias e mais as obras de Marcos Konder a “Pequena Pátria” e “Lauro Müller”, distinção que muito nos sensibilizou.

Presença de Blumenau na “Semana de Kiel” - (Kieler Woche)

Kiel — uma das maiores cidades portuárias do Mar Báltico, na República Federal da Alemanha — comemorou no dia 19, a 27 de junho de 1982, pela centésima vez, a maior festa tradicional. — A Semana de Kiel.

Kiel. — Cidade portuária desde o século 13 é Capital de Estado. Cidade Olímpica, Cidade Universitária, Cidade da Marinha e dos Construtores de Navios.

A maior atração da Semana de Kiel de 1982 foi sem dúvida a grande regata internacional, onde, nada menos que 30 nações, mandaram os seus melhores barcos à vela. Quem sair como vencedor, pertencerá à classe internacional. À margem desta maior regata do mundo será realizado um encontro de 200 veleiros, de renome mundial, dos quais muitos já festejaram os seus 100 anos de construção.

O Oberbuergermeister (prefeito) Karl Heinz Luckhardt de Kiel, em carta dirigida ao seu colega de Blumenau, prefeito Ramiro Ruediger, pediu uma pequena colaboração em forma cartaz, mostrando alguns aspectos típicos de nossa cidade.

550 trabalhos artísticos, de 31 países, chegaram às mãos do prefeito de Kiel. Formando uma galeria toda especial de lembranças, todos estes trabalhos foram expostos no “Foyer” da Prefeitura, onde foram vistos por milhares de pessoas, inclusive pelo Presidente Karl Carstens.

Blumenau se fez presente com um poster colorido, um trabalho de colagem, aproveitando partes de cartazes, fotografias (nova Prefeitura), mapa do Brasil etc. No meio uma legenda: Eine Stadt die aus dem Rahmen faellt. (Uma cidade “fora de série”). Este trabalho foi elaborado por Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã do gabinete do prefeito.

O prefeito Karl Heinz Luckhardt, em carta do mês de agosto, e dirigida ao sr. Wilhelm, diz o seguinte:

“Eu agradeço profundamente a “Lembrança” recebida de sua cidade. Os cidadãos de Kiel e os numerosos hóspedes de todas as partes do mundo que visitaram a exposição “Lembranças de todo o Mundo” ficaram encantados com o talento de criação dos quadros. Muitos dos quadros e cartazes nos proporcionam um panorama excepcional da vida e cultura de todo o mundo. Foram as “Lembranças” mais maravilhosas que recebemos por ocasião da “Kieler Woche”.

“A mostra foi uma exposição de caráter único que também depois de longos anos guardará seu valor documental. Pretendemos transformar esta exposição numa mostra itinerante, percorrendo as principais cidades da Alemanha Federal.”

“Receba como um pequeno “muito obrigado” o livro-catálogo

onde estão reproduzidas as "Lembranças de todo o Mundo para o Centenário da Semana de Kiel". Livro este, que será distribuído aos participantes de 31 países do mundo."

Assim o cartaz-montagem, de autoria de Alfredo Wilhelm, tornou-se o único trabalho brasileiro presente na mostra internacional itinerante "Lembranças de todo o Mundo".

Este fato também demonstra a dedicação e mesmo carinho com que Alfredo Wilhelm, através de mais de onze anos consecutivos - iniciados na administração do sr. Evelásio Vieira — 1971, tem se empenhado na projeção do nome de Blumenau no mundo todo, tanto no aspecto cultural, como no sócio-econômico, fazendo, com sua constante correspondência vasada sempre em termos que tanto têm sensibilizado os europeus, despertar em todos o grande interesse em conhecer não só Blumenau mas todo o Brasil. E o resultado tem sido auspicioso, pois contam-se aos milhares as pessoas, inclusive prefeitos de numerosas cidades alemãs que têm visitado o Brasil e vindo a Blumenau, atraídos pela cordialidade manifestada pelos prefeitos blumenauenses a partir de Evelásio Vieira, prosseguida por Felix Theiss e Renato de Meilo Vianna, resultando em muitos destes contatos, valiosos investimentos na indústria local.

Outro aspecto auspicioso resultante do trabalho do correspondente oficial Alfredo Wilhelm, está na obtenção, por parte da Prefeitura e em favor da Fundação "Casa Dr. Blumenau", de mais de duas dezenas de bandeiras das principais cidades da República Federal da Alemanha e que muito têm ornamentado festividades típicas em nossa cidade e em outros centros do país, como Curitiba e Rio de Janeiro. Deve-se ainda destacar o trabalho de Wilhelm na conquista de todos os dados técnicos que possibilitaram a dinamização do jogo do SKAT em Blumenau, no Estado e no país, do que resultou na fundação da Federação Brasileira de SKAT. Para conseguir tais objetivos, Alfredo Wilhelm chegou a viajar para a DDR, cidade de Altenburg, berço mundial do SKAT, de onde trouxe o que era necessário para aquele objetivo.

De valor histórico, foi também seu trabalho de correspondência junto aos arquivos históricos da Baixa Saxônia, quando descobriu que lá existiam documentos deixados pelo Dr. Blumenau e que estavam relacionados com sua atividade como Diretor da Colônia Blumenau. Wilhelm conseguiu que fossem copiados centenas destes documentos e depois remetidos para a Fundação "Casa Dr. Blumenau", muitos dos quais já foram divulgados na revista "Blumenau em Cadernos" e outros ainda o serão.

Por tudo isso, merece, o sr. Alfredo Wilhelm, o reconhecimento não só do poder público blumenauense, como de todos aqueles que têm sentido com entusiasmo a projeção de Blumenau pelo Mundo afora graças ao trabalho perseverante e inteligente deste cidadão, apoiado, como é natural, pelos prefeitos aos quais tem assessorado nestes onze anos de trabalho.

FIGURAS DO PASSADO

Ulmer Laffront

José Gonçalves

Nasceu na cidade paulista de Santos, em 17 de Setembro de 1908. Era filho de Ursmers Beitrand Laffront e de Lydia Laffront. Seus avós maternos eram Frederico Biorn, de origem dinamarquesa, e Luiza Wagner. Seus avós paternos eram os franceses Jean e Felicia Laffront. Em 1909 foi batizado na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Santos.

No ano de 1923, esteve estagiando como aprendiz na Casa Comercial Kander & Deschner, onde permaneceu até o ano de 1925. Prestou serviço militar em Blumenau, quando em 7 de Junho de 1927, matriculou-se na Escola de Soldados de Blumenau, tendo no Tiro de Guerra, o nº 475. Em 19 de Junho de 1937, casou-se com Carmem Maria Silveira. Deste consórcio, o casal teve dois filhos: Jean Carlos Laffront, nascido em 18 de Março de 1938, e Jorge Eduardo Laffront, nascido em 24 de Setembro de 1944.

Sua vida profissional iniciou-se em 15 de Setembro de 1935, quando ingressou no Banco Nacional do Comércio. Durante muitos anos atuou como corretor de imóveis, tornando-se figura das mais estimadas e também solicitadas por suas características de profissional cômico de suas responsabilidades e lisura, com que realizava seu trabalho. Era membro do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis da Terceira Região, sediada em Porto Alegre.

Na sua vida social e esportiva, Ulmer Laffront teve participação destacada, tendo sido membro, durante muitos anos, da Confederação Brasileira de Caça e Tiro, participando ativamente dos campeonatos locais, catarinenses e brasileiros de tiro ao alvo, sempre representando o Clube Blumenauense de Caça e Tiro. No ano de 1949, quando foi realizado o terceiro Campeonato do Estado de Santa Catarina de Tiro ao Alvo e o Terceiro de Tiro ao Prato, Ulmer Laffront, foi homenageado oficialmente pela Federação Catarinense de Caça e Tiro, com a segunda prova extra de Revólver, calibre 32, tiro de precisão de 20 tiros a 30 metros, designada como "Homenagem ao Sr. Laffront" (campeão catarinense de revólver).

Durante os muitos anos em que conquistou os primeiros lugares, individual ou em equipe, nos certames catarinenses e nacionais, sendo uma figura indispensável nessas competições, tanto pela sua notável performance de atirador quanto a de reconhecidas virtudes de cavalheirismo e companheiro de todos.

Ao falecer em 9 de Junho de 1977, Ulmer Laffront deixou a esposa e filhos e um grande círculo de amigos que até os dias de hoje, lembram sua figura com saudades e manifestações de amizade que perdurará através dos anos.

Você Sabia?...

Frederico Kilian

...Que o Governo de Santa Catarina foi ocupado por Camandantes até 1738, daí em diante, até 1822 por governadores: deste último ano até a proclamação da República por Presidentes da Província; de 1889 para cá por governadores e presidentes?

...que a medalha de ouro, com que foi premiada na Exposição Universidade de Paris, no ano de 1867, a Colônia de Blumenau, foi entregue ao Museu Nacional do Rio de Janeiro pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1870?

...que em todo o Estado de Santa Catarina, havia em Dezembro de 1878, nada menos que 12.829 escravos. Destes, 3.579 na capital Desterro, 1.221 em São Francisco, 3.046 em Laguna, 699 em Itajaí, 90 em Joinville, 1.630 em Lages, 684 em São Miguel (Biguaçu), 54 em Tubarão, 1.968 em São José e 957 em São Sebastião?

...que a estação telegráfica de Florianópolis (então Desterro) foi inaugurada em dezembro de 1866; a de Itajaí e a de Laguna em Janeiro de 1867 e a de São Francisco em Fevereiro do mesmo ano?

...que a Agência de Correio de Lages foi criada em 1862?

...que em 1863, foi autorizado pelo governo imperial, o vigário da freguesia de Gaspar, padre Francisco Gattoni, a prestar serviço na Colônia de Blumenau?

... que uma das primeiras exposições nacionais realizadas no Brasil, de produtos da lavoura, pecuária, das indústrias e minerações, teve lugar a 2 de dezembro de 1861 no edifício da Escola Central do Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro?

...que em 2 de abril de 1892, a Câmara Municipal de Blumenau, em memorável sessão, resolveu, por unanimidade, resistir às ordens do Governo de Estado, que havia demitido o Superintendente e Conselheiros Municipais, resolvendo eles que somente a força abandonariam o cargo?

...que exatamente a 2 de abril de 1857, o Dr. Blumenau mandou demarcar os terrenos entre os ribeirões Gaspar, Gaspar Grande e Pequeno, para a Igreja Católica de Freguesia e respectivo cemitério e que são os mesmos em que, ainda hoje, estão a matriz e cemitério daquela cidade?

... que a lei nº 464, de 4 de abril de 1859, elevou à categoria de Vila e Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, para ser instalada logo após que os moradores aprontassem, à sua custa, a casa para as sessões da Câmara?

...que o Forte "Marechal Luz" na entrada da barra da Baía

do Babitonga, em São Francisco do Sul, começou a ser construído em 1909, sendo terminado dois anos depois?

...que em 1713, segundo relação feita por determinação do Governador do Rio de Janeiro, ao Sargento-Mór Manoel Gonçalves de Aguiar, existiam na Ilha de Santa Catarina 22 casais e na Laguna 30 casais e já em 1720 a Vila de Laguna contava com 42 ranchos de palha e 300 habitantes e a povoação de Desterro contava 27 casais com 130 pessoas?

...que a essa época o Termo de São Francisco do Sul que abrangia toda a zona norte até ao rio Tijucas, contava com 80 famílias, com cerca de 900 pessoas?

...que até 1786 entre a capital Desterro e Lages não havia estrada alguma e que o governador de Santa Catarina, José Pereira Pinto, nesse ano, encarregou o alferes Antônio José da Costa a abrir um caminho de ligação entre as duas povoações?

...que esta estrada só ficou concluída em 1790?

AEMA recebeu 25 projetos de controle da poluição

O Assessor Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, Alceu Natal Longo, informou que encerrou no dia 30 de junho último, o prazo para que as empresas poluidoras instaladas em Blumenau entregassem os projetos de controle da poluição das águas e do ar, frisando que o Setor de Controle da Poluição da AEMA, recebeu um total de 25 projetos que estão em processo de análise para definição dos prazos de implantação dos equipamentos de controle da poluição. Entre os projetos recebidos estão os da Cia Hering (Bom Retiro), que se encontra em fase final de implantação; Artex S/A; Eletro-Aço Altona, Tecelagem Kuehnrich S/A; Companhia Karsten S/A; Omino Hering e Mafisa S/A.

Outras empresas como Sulfabril S.A., Cia. Jensen, Bebidas Rodolfo Thompsen e várias de menor porte, solicitaram a dilatação do prazo dado pela AEMA, uma vez que já encomendaram os projetos anti-poluente à empresas especializadas e, por vários problemas, principalmente de ordem técnica, ainda não foram entregues pelas empresas de consultoria, Alceu Natal Longo informou que a AEMA está estudando cada um destes pedidos para decidir se o prazo poder ser dilatado.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

II

Era pouco mais das quatro horas da tarde, quando Blumenau chegou ao escritório, sacudindo a pasta, e radiante, abraçou seu sócio e amigo:

— “Meu caro jovem...”, foi assim, Trommsdorf, que fui tratado até a pouco pelo Barão Humboldt!

E o amigo e sócio vendo a alegria, o que era pouco comum em Blumenau:

— Afinal, qual o resultado do encontro? Por teu espalhafato todo, deve ter sido maravilhoso.

— Foi! Simplesmente maravilhoso, dizes bem! O Barão tratou-me, apesar de só me chamar de “jovem”, como se fora um homem adulto e responsável.

— Ele foi, sabias Blumenau, um grande amigo de papai!

— Era sim. Falou com muito carinho do Dr. Trommsdorf, e o conhecia bem. Era assinante do jornal de teu pai.

— E do encontro, alguma coisa de bom para nossa firma?

— Ora, meu caro sócio! O Barão Humboldt não se interessa em comprar nossos produtos, falou sim, em tese sobre nossa indústria. Ele achou muito interessante a nossa invenção que recupera o desperdício.

— Qual então a causa desta tua expansão de tanto contentamento?

— Saiba, Dr. Trommsdorf, — Blumenau impertigou-se todo, — meu ilustre sócio, que no momento estás falando com o futuro colonizador no Império Brasileiro?

— Chiiii... lá vens tu, novamente, com a tua idéia louca de colonizador!

— Louca na tua cabeça mercenária que só tem números e cifrões.

— Blumenau, o dia que teu pai souber das tuas intenções colonizadoras não vai gostar nada, nem tão pouco tua mãe! Vai ser um Deus nos acuda, tu convenceres os dois.

— Em princípio já sabem e já estrilaram, espernearam, mas, acabarão concordando. Eu conheço meus velhos, e muito, especialmente, minha santa mãezinha, que adora o seu “homenzinho” meu caro.

— Depois, logo no Brasil, um país ainda selvagem, cheio de negros e mulatos, índios e cobras.

— Vocês alemães que nunca saíram da Alemanha, como é teu caso meu caro Trommsdorf, pensam que, civilizada, só a Europa e, na Europa, a mais civilizada a Alemanha.

— Não sou eu quem fala, Blumenau, meu vizinho, um senhor aposentado, serviu alguns anos na embaixada alemã na corte brasileira, no Rio de Janeiro, e não fala lá muito bem do Brasil quanto ao seu povo, que é uma mistura de negro mulato e branco...

— Ele fala o português?

— Muito bem e tem alguns alunos que pretendem emigrar para lá.

— Fantástico, Trommsdorf, — Blumenau bateu forte no braço do amigo e, eufórico: Fantástico, já tenho o professor de português! Tu o conheces?

— Se conheço! Estou dando umas piscadelas para uma de suas filhas, uma loura infernal.

— Preciso conhecê-lo, ainda hoje. Logo depois do jantar vamos à sua casa, tu dás a tua piscadela e aproveitarás para me apresentar ao pai da jovem.

— Blumenau! Pára com essa mania de querer tudo na hora. Acho melhor tratarmos dos negócios de nossa indústria...

— Uma coisa nada tem a ver com a outra. O estudo será à noite, e aprender o português é urgentíssimo, terei apenas um ano para aprendê-lo.

Ele abriu a pasta e, cuidadosamente, sorrindo, retirou a carta que há pouco recebera de Humboldt.

— Olha só, Trommsdorf, para quem é esta carta, e de quem ela é.

O amigo tomou-a em suas mãos, depois leu, franzindo a testa e apertando os lábios: "Dr. Karl Friedrich Philipp von Martius — Universidade de Erlangen — Baviera! De sábio para sábio, hein, Blumenau? Cá temos altas políticas! Afinal, o que diz a carta?

— Leia! Leia, homem! O envelope está aberto, pode ler à vontade. Verás que nada tem de política, e sim, muito de colonização e emigração e outras coizitas mais, meu caro.

Depois de ler em silêncio, Trommsdorf, aborrecido e enérgico:

— Vo...cê, vai es...tu...dar, o ano que vem, bo...tã...ni...ca e Filosofia?!

— E daí? Por que essa cara feia, meu amigo? Vou matricular-me na Universidade em Erlangen, estudarei e prestarei os exames, e verás que, em 2 anos apenas, me formarei.

— Não! Não! Blumenau tu estás pensando em aprender: português, que é língua difícil segundo o teu próprio futuro professor, e em seguida botânica e filosofia com o Dr. Martius?!

— E, tem mais meu caro sócio. Continuarei como até então, a escrever sobre emigração e colonização, e pretendo escrever um, tal...

vez um livro, não? Um opúsculo. Olha meu caro, se juntar tudo que já escrevi, dará mesmo é um livro, e não um opúsculo!

— Escuta bem o que vou dizer-te, Blumenau! Tu já és miope, segundo teus queixumes, meio surdo, e se pensas fazer tudo isso, vais acabar ficando exausto e doente. Toma cuidado, não vai com muita sede ao pote, tenha calma que não és nenhuma fortaleza humana, meu “Hércules”!

— O livro é para mais tarde. É, depois de minha viagem a Berlim, e através de Humboldt, conhecer o embaixador brasileiro, Dr. Miguel Calmon, que também muito já escreveu sobre imigração e colonização brasileira.

— Ah! Agora estou percebendo porque queres aprender tão urgentemente o português! Meu caro e prezado sócio, ilustríssimo doutor em filosofia e botânica e colonizador, tu não vais colonizar, com toda esta carga em teus ombros, no Brasil, não! Tu vais é colonizar no Céu, nas terras fofas de São Pedro, meu caro sócio!

Blumenau, que naquele dia era só alegria e satisfação, não pôde conter-se e deu uma gostosa gargalhada.

— Palavra, meu caro Trommsdorf, tu mereceste a minha gostosa gargalhada. Tenha calma meu amigo. Cada coisa na sua hora e no seu devido lugar, verás que tudo dará certo, Trommsdorf. Não seja pessimista.

— E a nossa firma, como é que fica em tudo isso? A tua viagem, no ano que vem, a Londres? Veja bem que é um assunto altamente interessante para nossos negócios, Blumenau!

— Farei tudo na hora, conforme já combinamos, e me sobrá tempo para meus pretendidos estudos.

— Mudemos de assunto. Que tal o Barão von Humboldt?

— Um homem fascinante. Admirável e encantador, um barão de corpo e alma...

— E... como ele te tratou?

— Como se fora um seu aluno. Aliás no começo de nossa conversa, te disse como fui tratado...

— É verdade, teus razão. Mas eu quero saber o seguinte: tu agora vais frequentar o alto círculo de amizades de Humboldt, não é?

— Quando a oportunidade se me oferecer, claro que frequentarei.

— Positivamente, Blumenau! Tu és um sonhador!

— Assim não pensa o Barão von Humboldt. Pelo menos qualificou-me, depois de ouvir minha exposição sobre emigração alemã, com dados, números, e meus projetos...

— Como ele te qualificou?

— De um idealista, e garantiu-me que sairei vitorioso nesta minha “difícil, penosa e trabalhosa” missão que é a de colonizar, longe da Alemanha, e em terras ignotas.

— Não! Não brinca, Blumenau, com coisa tão séria! Como acabas de me falar, não sou eu quem diz, é o próprio Barão quem fala das

tuas lutas e dificuldades futuras. Quando aqui tens tudo para trabalhar e vencer sem precisar sair da Alemanha.

— Trommsdorf! Não é para hoje nem amanhã, que vou sair por aí para colonizar, seja aonde for. É um sonho que venho acalentando, dando-lhe em pensamentos, por ora, apenas, possibilidades possíveis e admissíveis, são planos, são sementes jogadas que tão só começam a germinar e brotar. Levará algum tempo ainda para que ela cresça, dando corpo ao caule, aos galhos, às folhas, às flores, e aos frutos, que amadurecerão em meu subconsciente. Só depois de medir os vários ângulos de todo conjunto de meus planos, analisá-los em todos os sentidos e fórmulas, sociais e econômicas, e ter, a plena certeza de que os grandes e gigantescos sacrifícios porque disso, tenho absoluta consciência repito, os grandes e gigantescos sacrifícios que terei de enfrentar, na “longa e penosa caminhada colonizadora”, como muito bem disse o Barão von Humboldt, aí sim, com meu ideal já amadurecido vencerei, com a indispensável ajuda de Deus, porque meu bom amigo, quanto mais lutas e privações enfrentares e vences em tua vida, maiores e mais sólidas serão tuas conquistas!

Não serei o aventureiro que busca o imediatismo, mas sim, o idealista que soube preparar e fertilizar o solo, para nele jogar a semente e, pacientemente e conscientemente, aguardar dela nascer a árvore que me dará os melhores de seus frutos, para todo o sempre. Porque saberei cuidá-la, com a mesma vontade com que a plantei para que nunca me faltassem, seus frutos e sua sombra.

— Muito bem! Meu poeta sonhador! Só peço a Deus que esse teu sonho não se transforme em pesadelo, e caias da cama.

Trommsdorf tirou seu relógio do bolso, e preocupado:

— Blumenau. São quase seis horas da tarde. Fritz Müller, está me esperando no restaurante para apresentar-me sua namorada, a jovem linda e loura, segundo ele, Coralina Tollner!

— Tu gostas muito desse teu sobrinho, não é Trommsdorf?

— É meio alocado, mas eu gosto muito do seu jeito franco de falar. Tem dado um trabalho infernal para a pobre da minha irmã.

— Mas é um grande sujeito, eu adoro e gosto imenso de ouvir suas avançadas e brilhantes idéias.

Os dois amigos saíram para o encontro marcado de Trommsdorf, com seu sobrinho Fritz Müller, a pé, que o restaurante ficava à poucas quadras do escritório.

Trommsdorf segurando o braço de Blumenau falava sério:

— Blumenau pensando melhor até que estou neste momento, pedindo a Deus que consigas colonizar, lá bem longe, no Brasil!

— Ué! Que mudança louca tão fulminante?

— É que para nós parentes de Fritz, seria o ideal, afastarmos nosso rebelde, de seus amigos, principalmente de Karl Max, que o governo já está de olho nele e suas idéias revolucionárias começam a assustar meio mundo burguês, e estão virando a cabeça de Fritz.

— Será que eu ouvi bem? Tu queres transformar teu sobrinho num colono ou camponês?

— Sim! Sim, bem longe deste meio corrupto, seria o melhor para ele, e o sossego para minha santa e querida irmã, que está desesperada.

— Meu caro sócio, tu és surpreendente. Transformar um materialista em formação, num colono! Fritz, pregando suas idéias para os pássaros, aves e animais selvagens, sim porque, para meus colonos nunca, mas nunca mesmo, meu caro sócio, quero meus colonos tementes a Deus, que tenham Fé, que acreditem em Deus, e nunca materialistas, vazios de fé e esperança, isto jamais acontecerá em minha futura colônia, meu caro amigo!

— Olha, Blumenau. São tão confusas as suas idéias que será bem possível que ele acabe, tamanha a sua confusão, ou internado num hospício, ou fugindo de tudo e de todos, indo para bem longe, num país qualquer. Será uma pena, um sujeito tão brilhante como Fritz, metido com esses sonhadores e reformadores do impossível. Esse o nosso medo, a nossa maior preocupação, já que minha irmã, acredita que tal coisa aconteça e tu sabes, as mãos pouco erram, seus corações nunca traem seus pensamentos, quer bons, quer maus.

Bem, estamos quase chegando, meu amigo, mudemos de assunto.

Ao chegarem no restaurante, Fritz sozinho, bebericava um chop esperando seu bom amigo e tio.

Os dois se encaminhavam, sorrindo, ao encontro dele, e Tromsdorf perguntou curioso:

— Cadê a jovem, linda e loura, Fritz?

— Não demora chegar. Como vai tio, e tu Blumenau, como vais?

— Cem por cento Fritz, graças a Deus. Estou, como teu tio, louco para conhecer tua linda namorada, Fritz...

— Quem é que disse que ela era minha namorada?

— Teu tio!

— Tio! Não diga tamanho absurdo, ela é minha companheira de estudos, e, sim, de ideal também, mas, para ser namorada a diferença é muito grande, e não me venham com tais insinuações quando ela chegar, não quero, nem magoa-la, nem que ela me julgue um pretencioso.

— Com todos esses cuidados, meu caro e querido sobrinho, há muito mais de que simples amizade e companheirismo.

— Tu falaste alguma coisa a mamãe, sobre ela?

— Apenas que você me convidara hoje para conhecer tua... tua, quero ser leal, como sempre tenho sido contigo, realmente, lhe disse que ia conhecer tua namorada, desculpe meu sobrinho a minha leviandade.

— É que a velha ficou toda nervosa e me perguntou se, de fato, eu tinha alguma namorada, e se não era muito cedo para pensar em tais coisas de tanta responsabilidade, e toma sermão, sermão, que não acabava mais.

— Não seja por isso, amanhã passarei lá e alcançarei minha irmã, jurando que se trata apenas de uma companheira nada mais, pronto, fique tranquilo, porque você me conhece, sou homem que não gosta de mentiras. Está calmo agora, meu querido?

— Não é! Você sabe, tio, minhas querelas com o velho, que quer impor a medicina, sem eu gostar dela. Claro estudarei contrariado para não desgostar mamãe. Você agora falando em namorada, ela, com toda razão, se preocupa porque o namoro, realmente, não ajuda os estudos.

— Quer dizer que estás estudando medicina, também? — Perguntou Blumenau, curioso.

— Não ainda, mas papai quer, exige. Podia bem relaxar meus estudos, sair reprovado, para vingar as imposições absurdas do “Pastos”, mas onde ficaria a minha dignidade de estudante? E o desgosto que daria a mamãe. Mas, já resolvi, se me formar, porque estou brigando e lutando, ao mesmo tempo com o velho, para que ele desista de tão absurda imposição! Ainda ontem à noite discutimos, e eu lhe perguntei se o pai dele lhe havia imposto a religião a sua formação de pastor. Ele foi verdadeiro e me disse, simplesmente, que não, que tinha sido sua própria vocação religiosa.

— Fritz tem toda razão! Meu cunhado está sendo severo e injusto com ele, e quem paga o pato é a pobre da minha irmã.

— Mas, eu já tenho meus planos. Se for obrigado a estudar medicina, se não convencer meu pai da desistência, e se não explodir e abandonar tudo, até minha casa...

— Calma! Calma meu querido! Se fizeres isto, tua mãe não resistirá, veja bem, ela é uma criatura doente, pensa mil vezes, pelo amor de Deus, meu querido!

— Eu sei bem Tio! É uma possibilidade remota, você bem sabe como tenho loucura por ela. Vou lhes fazer uma pergunta: Tanto o Sr. meu tio, como Blumenau, foram também obrigados a estudar farmácia, não foi?

— Não, meu querido sobrinho. Vou falar por mim, depois Blumenau falará. Papai era farmacêutico e professor de farmácia na Universidade local, e eu, para não desgostá-lo, porque tinha por ele quase veneração, estudei farmácia para agradá-lo, eu achava que estudando farmácia estava devolvendo a ele todo o amor e carinho que dele sempre recebera. Foi por isso que estudei, e me formei em farmácia. Depois papai morreu e eu não segui a profissão, esta é a verdade dos acontecimentos.

— Desculpe, meu tio, eu pensei que vovô, sendo farmacêutico, tinha obrigado o sr. a formar-se também, em farmácia.

— Nada disso meu caro. Papai era um homem liberal, e extraordinário.

— E tu, Blumenau, como foi o teu estudo de farmacêutico?

— De fato, a farmácia me foi imposta por papai, porque quando

me formei, farmácia era o melhor negócio da época, e papai sempre quis o melhor para seus filhos.

— O fato é que tanto um quanto o outro, estudaram e formaram-se em farmácia, e hoje não exercem a profissão de farmacêutico, não é verdade, meus amigos?

— Hoje não é verdade. Mas, em outros tempos, tanto eu como teu tio trabalhamos juntos, não só na farmácia, como no laboratório de teu avô, não foi, Frommsdorf?

— Eu sei. Foi quando te conheci, Blumenau, e muito falamos sobre a Natureza e suas maravilhas. Aliás, eu amo a Natureza e tudo que nela vive, e a Botânica; sou, por indole e por amor, um naturalista, amo as plantas, os minerais e os animais. E meu pai a me forçar a estudar medicina!

(Continua no próximo número)

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“Amigo Velho”

Disse certa vez o crítico Edgard Cavalheiro que o catarinense Guido Wilmar Sassi inaugurou em nossas letras o “ciclo do pinheiro”. E com efeito, a grande árvore está sempre presente na sua obra, conto ou romance, espalhando por certo o impacto sofrido pelo menino serrano ante a derrubada sistemática (e até criminosa) dela e as consequências brutais que a sua industrialização fazia abater os seres humanos, em especial aqueles coitados que deviam lidar mais diretamente com ela. Porque os “cichões”, esses entesouravam ou construíam nas capitais, mudando-se depois para o Mato Grosso ou a Amazônia, entregues à mesma faina devastadora.

Mas, voltando ao que importa, espero que os leitores perdoem a digressão. Se até o grande Camilo digredia do texto ficcional para algumas pancadas no adversário, por que não poderei eu, simples escritor sem maior prestígio comunitário, dar as minhas pauladas?

Essa realidade amarga está bem visível nesta pequena coletânea de contos que recebeu o nome de “Amigo Velho” (Editora Movimento — P. Alegre — 1981), agora publicada em segunda edição. Esse livro, que obteve o Prêmio Arthur Azevedo do INL, reúne sete dos melhores contos do autor conterrâneo, entre eles o conto-título, “Amigo Velho”, e “Noite”, que são os meus preferidos e que comentei em ocasiões anteriores. No primeiro deles, se a morte da “árvore de estimação” não determina, pelo menos precipita a morte da personagem; no segundo, numa situação da mais pura angústia, e que se pode ser bem sentida

por quem já se viu só na noite erma do campo, a árvore leva a melhor e se vinga desapiedada.

Essa vitória provisória da árvore, embora da árvore já reduzida a tábuas, ocorre também no conto "Cerração" onde ela inflige ao pobre Procópio um fim cruel. Esse personagem, fisgado da vida, é uma figura real, fatalista e triste, lutando contra as crises e a sorte madrasta, derramando incansavelmente o suor na luta difícil e quase infrutífera. "O suor das lutas vãs e inúteis" — escreve Sassi —, "das esperanças perdidas, das ilusões roubadas. O suor explorado, vendido, humilhado. Suor prostituído nos seus anseios, maculado nos seus ideais; suor infecundo para quem o verteu. O suor da humanidade toda, de gerações e gerações. O suor dos felás do Egito, dos párias da Índia, do cule chinês, do miserável universal. O suor dos cabras, dos peões, dos mandados, dos "braceros", das "almas", da velha Rússia. O suor, das senzalas, dos eitos das fábricas. Suor cor-de-sangue, suor cor de mágoa, suor cor de vergonha. O suor de todos os corpos que se esfalfaram na labuta de séculos. O suor que escorre nos seringais da Amazônia nas fazendas de café e de cacau, nos algodoais, nas plantações de cana, nas salinas, nas docas, nas serrarias. O suor verde dos ervateiros do Alto Paraná, o suor negro das minas de carvão. Suor de todas as eras, suor de todos os céus. O suor do escravo, do galé, do ninguém. O suor envolvendo a terra, o suor do mundo inteiro, se condensando, se condensando...".

Também "Uma história dos outros", "Prece de criança" e "Va-gão" são de grande expressividade. Mas "Serragem" serve bem para fechar este comentário. Aquela montanha amarelada de partículas de pinho, raspada grosseira dos dentes da serra, e que vai se formando ao lado de cada serraria, seja "fita" ou seja "quadro". Montanha que esconde excrementos, amores proibidos, queima sem parar, o fogo alapa-ndo nas chuvas. Montanha que, quando acaba o "material" e a serraria se muda, é muita vez a única lembrança que fica.

Eis um livro forte, cujo surgimento, em nova edição, merece o nosso aplauso.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Os Governos de Santa Catarina de 1889 até a Revolução Federalista

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Após 15 de novembro de 1889, com a Proclamação da República, o país seguiu novo rumo. Os destinos da Província de Santa Catarina também haveriam de se alterar e o dr. Luis Alves Leite de Oliveira Belo, cerco de 3 meses e meio na presidência, muito não conseguira fazer até então quando, por força do novo regime entregava o poder ao Partido Republicano.

Os membros do Governo Provisório, dr. Alexandre Marcelino Bayma, Cel. João Batista do Rêgo Barros Cavalcanti de Albuquerque e o farmacêutico Raulino Horn assumiam o poder numa festejada cerimônia dos membros da comissão republicana, a 16 de novembro de 1889.

A queda da Monarquia, marcava, para muitos, a esperança de um Brasil reorganizado politicamente. Cerca de dezesseis dias permaneceu o Triunvirato no poder: a 24 do mesmo mês, o 2º Tenente de Engenharia Lauro Müller era nomeado, por Marechal Deodoro, Governador do Estado de Santa Catarina, tendo assumido o cargo a 1º de dezembro.

Em vinte dias de governo Lauro Müller visitou o norte do Estado e festejou com políticos e o povo da região a instalação da República.

Foi no governo de Lauro Müller que José Brasilício de Souza executou pela 1ª vez o Hino do Estado, tendo homenageado o Governador na composição a ele oferecida.

Também visitou outros municípios e foi durante o seu governo que enfrentou a questão de limites com o Paraná.

Em viagem ao Rio, a 5 de outubro de 1890, Lauro Müller passa o mandato ao 1º Vice - Raulino Horn e a 29 do mesmo mês já reassume sua função.

Nova viagem ao Rio, desta feita para desenvolverem trabalhos representativos do nosso Estado no Congresso Constituinte Federal e na ausência do Governador e de seu Vice, assume, a 7 de novembro de 1890 o Coronel Gustav Richard — 2º Vice-Governador.

A seu pedido, em meados de janeiro de 1891, Lauro Müller era exonerado do cargo, sendo substituído pelo Vice Gustav Richard.

Com a constitucionalização do Estado, promulgada a 11 de junho de 1891, aconteceu a eleição para Governador e Vice. Novamente a dupla Lauro Müller/Gustav Richard estão no poder e na tarde de 13 de junho, perante o Congresso, ambos tomam posse.

Continuando a exercer o cargo de Governador concomitante ao mandato de Deputado, Lauro Müller passa o governo a Gustav Richard em 30 de junho, tendo em vista sua viagem ao Rio para participar de reunião no Congresso Nacional.

O final do segundo semestre de 1891 foi movimentado, com fatos políticos nacionais repercutindo em Santa Catarina e cuja situação levou Lauro Müller a telegrafar ao Marechal Deodoro, recusando seu apoio nos acontecimentos que se desenrolavam.

Após a renúncia de Deodoro na Presidência da República e com o Vice no poder, Marechal Floriano Peixoto, muitos pensaram que a situação em Santa Catarina iria se modificar. Porém Lauro Müller continua no governo e, apesar do atentado sofrido na noite de 25 de novembro contra sua pessoa, continuou administrando o Estado, construindo estradas, resolvendo os problemas de limites com o Paraná, etc.

Mas a forte pressão exercida pelos adversários levou Lauro Müller a se demitir a 28 de dezembro de 1891 e sem que os dois vice-governadores tivessem condições de assumir o cargo, na tarde de 29 de dezembro uma Junta Governativa Provisória assumia o poder. O Cel. Luis dos Reis Falcão, o Tenente Artur Deocleciano de Oliveira e o industrial Cristóvão Nunes Pires, no dia seguinte, 30/12/1891, já baixavam um decreto, cujo artigo 1º dissolvia o Congresso Representativo do Estado e convocava novo Congresso para 22 de julho de 1892. Na mesma data, outro decreto determinava no seu artigo 1º a privação, para sempre, do cargo de Governador ao senhor Lauro Müller, por tê-lo renunciado pelo abandono e o art. 2º estendia a mesma pena aos seus substitutos legais por terem se negado a assumirem a administração pública.

Tal Junta tinha suas requisições atendidas junto ao Capitão do Porto do Desterro, autorizadas pelo Marechal Floriano.

Embora transcorridos 29 dias do governo da Junta, muitos municípios não a reconheciam e continuaram a aceitar as autoridades policiais que o governo legal havia nomeado.

Chamados ao Rio a 14 de fevereiro de 1892, dois membros da Junta, o Cel. Luis dos Reis Falcão e o 1º Tenente Artur Deocleciano de Oliveira se retiram da capital dos catarinenses. O industrial Cristóvão Nunes Pires ficou no exercício do poder até 28 daquele mês, pois a 1º de março assumia o governo do estado um enviado do Marechal Floriano, o Tenente Manoel Joaquim Machado, que, em clima de guerra, enfrentaria uma administração conturbada, numa situação que se agravava pelo Brasil afora. O Marechal Floriano Peixoto procurava manter a situação política de Santa Catarina com o governo de Joaquim Machado à frente do Comando e o vice Coronel Eliseu Guilherme da Silva. Em telegrama datado de 24 de abril de 1893, Joaquim Machado repudia a ação desenvolvida por Floriano. A 16 de maio envia mensagem ao Congresso colocando-se ao lado da revolução. Porém sorte melhor não o esperava: a 17 de junho recebe ordem de prisão; tendo pago a fiança estabelecida, passa o governo a Eliseu Guilherme e se refugia em São José. As divergências sucediam-se e Eliseu governa um estado dividido em idéias e repleto de fatos: em julho a Câmara Municipal de Blumenau decretou ser ali a sede da Capital de Santa Catarina, proclamando Hercílio Pedro da

Luz — Governador do Estado. Prestando juramento e tomando posse a 21 do mesmo mês Hercílio Luz e mais 150 homens chegam à verdadeira capital, investindo forças contra o Palácio, tentam depor Eliseu. Esse, após ter comunicado ao Marechal Floriano sobre as ocorrências, procura refúgio na Capitania do Porto, deixando o Palácio livre e lá se instalando Hercílio Luz como Governador Provisório.

Porém o governo revolucionário não foi reconhecido pelo presidente da República e Hercílio Luz é exonerado dos dois postos (o outro, federal, que exercia em Blumenau). Desta forma, Floriano não dando seu apoio, faz com que o pessoal, desgostoso, deixasse a Capital Desterro.

Eliseu reassume a governança e a 24 de agosto de 1893 transmite o governo ao vice-Cristóvão Nunes Pires. Em jogada política, Eliseu segue para o Rio de Janeiro onde é preso temporariamente. Nunes Pires fica no poder até 27 de fevereiro de 1894.

A Revolução Federalista que irrompera no Rio Grande do Sul em fevereiro de 1893 já fizera muito sangue rolar em prol de uma Pátria comum, tão somente dividida pelo ardor dos que amavam-na, fossem os republicanos (ou pica-paus) ou os maragatos (federalistas).

E em Santa Catarina as coisas tomavam o mesmo rumo, com acontecimentos paralelos gerando descontentamento entre os que já estavam habituados às situações da República, instaurada quatro anos antes ou com aqueles que ainda permaneciam inconformados com a deposição do Monarca Dom Dedro.

E foi em clima de apreensão que em setembro de 1893 Joinville tornou-se palco de movimentação ocorrência: a chegada dos revolucionários dirigidos por Gumercindo Saraiva, ao porto de São Francisco. As notícias de saque e destruição logo chegariam a Joinville, apavorando a população e fazendo com que as autoridades, de pronto, tomassem as providências necessárias para guarnecer a cidade. E tal foi feito na mais perfeita ordem: o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, a Sociedade de Atiradores de Joinville e mensageiros diversos colocaram-se de prontidão para o que pudesse ocorrer. Mas o que de fato chegou a acontecer foi a tomada do aparelho de telégrafo e o desejo de angariar simpatias da população por parte dos revoltosos. Tudo ocorreu na tranquilidade esperada e a neutralidade de Joinville marcou a passagem dos revolucionários sem transgressões maiores.

Desterro, palco de sacrificadas vítimas e tristes desfechos, via sua vida calma tornar-se agitada com a instalação de um Governo Provisório Federal da República, instalada a 14 de outubro de 1893, com o Capitão-de-Mar-e-Guerra Frederico Lorena investindo-se no cargo de Presidente.

A estas alturas, em São José, o Tenente Machado inteirava-se dos fatos, e, convidado pela Assembléia Legislativa do Estado para

reassumir o cargo de Governador do Estado, solidário com os revoltosos, reassume a 4 de outubro.

Assim, Santa Catarina passa a ter dois governos: um do Governo Provisório Federal, com Frederico Lorena, e outro do Tenente Machado.

Segundo narra Carlos da Costa Pereira: "Santa Catarina estava quase inteiramente em poder das forças revolucionárias e o Desterro constituíra-se, no sul do País, o centro para onde convergiam as figuras principais do movimento, com o propósito de conferenciar e aplainar as dificuldades surgidas entre eles, ou preestabelecer planos para a invasão do Estado do Paraná"(1).

Gumercindo Saraiva chegava em dezembro de 1893 ao Desterro permanecendo oito dias na capital e depois disto prosseguiu viagem para São Francisco do Sul. De lá, a marcha continuaria para Joinville — marco de partida para o Paraná — via estrada D. Francisca. Em terras paranaenses, a tomada da Lapa ficou célebre: forças legais combateriam (e venceriam) as tropas do caudilho G. Saraiva, agora fugitivas em busca de uma fronteira mais tranquila ao sul, rendendo-se. Outros federalistas também empreenderiam fuga, temerosos das desavenças praticadas contra eles.

A 22 de abril de 1894 o Coronel Antonio Moreira Cesar, num período de governo militar, assume uma conturbada gestão, com acontecimentos sanguinolentos que marcariam a vida política estadual: o fuzilamento, na fortaleza de Anhatomirim, de militares e civis que lutaram ou participaram das idéias da revolução.

Permanecia, Moreira Cesar, no cargo até 28 de setembro de 1894, quando tornaria a assumir o cargo de Governador, o dr. Hercílio Pedro da Luz, também investido nas honras de Tenente Coronel do Exército pelo Marechal Floriano Peixoto, em virtude de sua participação heróica no Cêrco da Lapa.

Foi no período da administração Hercílio Luz que o Congresso Representativo aprovou a troca do nome da Capital. Desterro que não combinava com a paisagem nem com a vida que seus moradores levavam, foi trocada para Florianópolis, homenageando o Marechal Floriano frente à sua participação por uma República atuante.

Pela Lei nº 111 de 1º de outubro de 1894, a capital do Estado ficou conhecida por Florianópolis. Ao Consolidador da República, que a Revolução Federalista de 1893 quisera destronar, permaneceu até nossos dias a homenagem de todos os catarinenses.

De 1894 até hoje, outros governadores estiveram à frente do Palácio Cruz e Souza, sempre conduzindo com firmeza os destinos do povo barriga-verde.

(1) A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina.

Governo do Estado-Santa Catarina, 1976. p 96.

ACONTECEU... _____ Setembro de 1982

— DIA 1º — Foi aberta a III Exposição de Fotos Antigas de Blumenau, na Galeria Municipal de Artes, promovida pelo Departamento de Cultura da Prefeitura e a Fundação “Casa Dr. Blumenau” através do Arquivo Histórico, tendo a mostra sido grandemente visitada pela população blumenauense.

— DIA 1º — A imprensa blumenauense noticia o resultado do concurso para a escolha do operário-padrão de Blumenau cuja preferência recaiu na pessoa do sr. Harri Boos, servidor da Artex, onde desempenha as funções de eletricitista.

— DIA 2 — Com a presença de milhares de pessoas, realizou-se, às 10,30 horas daquele dia, a solenidade de inauguração da nova Prefeitura de Blumenau, cujo expediente passou a ser dado ali a partir daquela data, em caráter definitivo. O novo edifício ocupa toda a área que no passado pertenceu à estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, com o pátio de manobras e o prédio da Cooperativa, localizando-se ao lado da Avenida Beira Rio-Norte.

— DIA 2 — Como parte dos festejos do aniversário de fundação de Blumenau, desfilaram pela Avenida Beira Rio, neste dia, cerca de 33 sociedades de atiradores e quase uma dezena de clubes de bochas, transformando aquela avenida num belíssimo mosaico de cores vivas, fornecidas pelos uniformes dos associados dos clubes e dos integrantes das 17 bandinhas em desfile.

— DIA 6 — No Pavilhão “A” da PROEB, realizou-se a grande festa promovida pela Companhia Textil Karsten, oferecida aos seus milhares de operários, constando de um jantar com cerca de duas mil e quinhentas pessoas, seguido de um grande baile.

— DIA 21 — No Centro de Convenções do Teatro Carlos Gomes, realizou-se a solenidade de abertura do X Congresso Brasileiro de Agências de Viagens e X Exposição de Turismo da ABAV, cujo programa estendeu-se até o dia 26, quando foi encerrado. Segundo opinião dos visitantes de todo o país, este foi um dos mais movimentados e proveitosos congressos dos quantos já foram realizados no país. Também foi a primeira vez que a sede do referido congresso instalou-se numa cidade do interior de um Estado, como seja, Blumenau, já que os outros nove Congressos foram todos realizados nas capitais dos Estados.

— DIA 21 — Transcorrendo neste dia o Dia do Radialista, assim como o Dia da Árvore, várias solenidades e festividades foram realizadas em regozijo pelo acontecimento.

— DIA 22 — A partir desta data, o antigo prédio da Prefeitura e toda a área por ele ocupada, passou para a administração da Fundação “Casa Dr. Blumenau” com a assessoria do Conselho Municipal de Cultura, com a entrega feita oficialmente pelo Prefeito Ramiro Ruediger, baseado em decreto pelo mesmo assinado dias antes.

— DIA 23 — No Centro de Cultura de Blumenau, foi aberta, às 20 horas, a “Mostra Iconográfica sobre Lima Barreto, utilizando-se material de propriedade de Nelson Bravo. O acontecimento havia sido antecipado com palestra, dia 22, na FURB, sob o título “Lima Barreto e o Teatro e neste dia, “Aspectos da Vida e Obra de Lima Barreto”, integrando tudo isso, a Semana de Letras.

— DIA 23 — No Salão Nobre do Colégio Franciscano Santo Antônio, foi instalado o Seminário Regional de Prevenção do Uso de Tóxicos. O Encontro teve o apoio e participação do Juizado de Menores de Blumenau, da FUCABEM e da Delegacia de Tóxicos de Santa Catarina, tendo sido muito prestigiado.

— DIA 25 — Na Casa São Simeão, bairro do Asilo, realizou-se a solenidade de inauguração da nova Ala de Saúde, contando com a presença de autoridades civis, eclesiásticas e de grande número de amigos daquele estabelecimento.

— DIA 25 — A Secretaria de Agricultura do Município apresentou, neste dia, relatório sobre suas atividades no setor rural, em que informa haver atendido a um total de 150 propriedades rurais no mês de agosto, através de seus micro-tratores de esteira, tendo atendido 1.863 casos de aplicações de vacinas e outros males, exames de animais, etc. Foram distribuídas 4.905 mudas de árvores para arborização e reflorestamento.

— DIA 25 — Relatório emitido pela direção da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, assinalou 2.518 consultas e 1.125 empréstimos de livros na Biblioteca “Fritz Müller”, sendo que a maior procura ocorreu nas áreas de literatura e generalidades e ficção. Quanto à Biblioteca ambulante, emprestou 1.009 livros, sendo que 1.027 leitores entraram em contato com a mesma, nas várias áreas do município atingidas pela Kombi.

— DIA 30 — Em solenidade que contou com a presença de numerosas pessoas, foi aberta a segunda exposição “Valores Novos”, reunindo mais de 50 trabalhos de artistas blumenauenses, no Centro de Cultura de Blumenau (antiga prefeitura). O evento foi promovido pelo Departamento Municipal de Cultura. A exposição abriu com obras de Heliana Fausto Haeger, Flávio Meirinho e Celaine Refosco.

Primórdios da maçonaria em Blumenau

Alguns anos após ter sido elevada à Vila em 1880 e, alguns anos antes de ser elevada a Cidade em 1894, Blumenau teve a fundação oficial de sua primeira Loja Maçônica, em 1885, tendo como um de seus idealizadores o também fundador da Cidade que leva o seu nome, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

Dr. Blumenau, nascido a 26 de dezembro de 1819 em Hasselfeld, pequena Cidade de Brunsvik, filho do guarda florestal de minas "Karl Friedrich Blumenau" e de "Christine Sophie Kegel", doutorou-se em Filosofia na "Real Academia Frederico-Alexandrina Erlanghense", em 23 de março de 1846.

Em 1845, em Erlangen na Baviera, passou pelo Ritual de Iniciação Maçônica na Loja Maçônica "Vereinigte Freimaurerloge", tornando-se membro ativo da Irmandade Maçônica.

Após sua Iniciação transferiu-se para Hamburgo, onde na Loja "Absalon zu drei Nessais" foi elevado ao Grau de Mestre Maçom.

Dr. Blumenau veio ao Brasil em 1847 e no Vale do Rio Itajaí funda a Colônia de Blumenau, em 1850.

Com o passar dos anos, por volta de 1870, Dr. Blumenau juntamente com outros Maçons moradores da Vila de Blumenau, resolveram promover a fundação da Comunidade Maçônica Blumenauense.

Após reunirem-se, os Maçons da época definiram batizar a nova Organização com o nome de "ZUR FRIEDENSPALME", que em português significa "PALMEIRA DA PAZ".

Em 1883, quando da instalação do Município de Blumenau, a Loja Maçônica Zur Friedenspalme tinha como membros ativos, os seguintes irmãos: Hermann Bruno Otto Blumenau, Wilhelm Scheeffler, Friederich van Ockel, F. Bockelmann, Luiz Altenburg Senior, Gustavo Salinger e Pedro Feddersen, dentre outros.

Os Rituais Maçônicos eram então desenvolvidos em uma antiga casa, situada na "Vorstadt", atual Rua Itajaí nº 516, em terreno de propriedade do Irmão Dr. Blumenau, o qual o cedeu à Irmandade mediante documento originado dos termos de um rascunho encontrado entre variada documentação procedente dos arquivos históricos existentes na Alemanha, que diz o que segue: "Declaro pelo presente, que na data de hoje, vendi à Loja Maçônica desta Villa, denominada "Palmeira da Paz", "Friedenspalme" em lingua alemã, um chão de casa sito no suburbio ainda desta villa, logo abaixo daquele boeiro da garganta dos morros na Rua Itajahy do abaixo, com a frente de 30 metros mais ou menos, e fundos até o rio, correndo a mesma frente desde pouco mais ou menos a gameleira de folha de leque que ali plantei faz alguns decênios, em linha reta onde acabam os alucidos trinta metros e os fundos com ângulo reto sobre a frente..." Este rascunho continua com condições formuladas pelo cedente para a transferência.

Posteriormente a antiga casa foi transformada pela Loja Maçônica em Asilo de Velhos e, depois serviu de residência.

Em 24 de junho de 1885 sob os auspícios das “Grandes Lojas de Hamburgo”, a qual exarou a Carta Magna de reconhecimento, oficializava-se a primeira Loja Maçônica de Blumenau, já em funcionamento há vários anos, com o Título de “Zur Friedenspalme”.

Em 1886, após o Dr. Blumenau ter regressado ao País de origem, a Loja Maçônica Zur Friedenspalme era constituída pelos Irmãos Wilhelm Scheeffler, Friederich van Ockel, Luiz Altemburg Senior, Gustavo Salinger, Abraham Meliola, F. Bockelmann, Franz Lungershausen, Levy Blumberg e Otto Stutzer dentre outros.

O Pastor Oswaldo Hesse, dentre outros personagens ilustres da História de Blumenau, também foi membro da Irmandade “Zur Friedenspalme”.

Quando o Dr. Blumenau faleceu, em 31 de outubro de 1899, a fraternidade Maçônica “Irmãos da Colônia”, em Berlim confeccionou em sua memória, uma placa de bronze, contendo o perfil do Irmão Maçon, a Insignia da Loja Palmeira da Paz, e os seguintes dizeres:

HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU

Doutor em Filosofia 26/12/1819 - 31/10/1899

Membro da Loja Absalon em Hamburgo.

Fundador da Colônia Blumenau no Sul do Brasil.

Pioneiro da cultura alemã no Estrangeiro.

A primeira Loja Maçônica fundada em Blumenau funcionou até 1901, conforme os registros Maçônicos, quando então encerrou suas atividades.

Daqueles idos de 1870 até os dias de hoje, em Blumenau, a Maçonaria sempre tem sido, constantemente, a Irmandade que busca incansavelmente a “LIBERDADE - IGUALDADE - FRATERNIDADE” entre os Homens.

Carlos Alberto de Melo

Prezado Leitor!

O Arquivo Histórico da cidade, órgão vinculado à Fundação Casa Dr. Blumenau, preocupado com a preservação da memória local, está intensificando seus esforços no sentido de tornar seu acervo mais completo.

Para tanto, necessita apenas de sua compreensão e apoio.

Doe ao Arquivo de nossa cidade seus velhos documentos, fotografias, filmes, jornais antigos e outros elementos que perpetuem nossas tradições culturais.

Enriqueça o Arquivo Histórico de sua cidade. O benefício será de todos. Especialmente das gerações futuras.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

